

# Protagonismo, saúde mental e socioemocional na escola

Caminhos para a promoção  
de relações de qualidade  
e engajamento entre  
estudantes e docentes



## ENSINO

Recomposição  
de aprendizagens  
pós-isolamento social

## INCLUSÃO

Igualdade dentro e  
fora da sala de aula

## TECNOLOGIA

As escolas e a  
fluência digital

## ESCUTA ATIVA

Ouvimos o que nossos  
parceiros têm a dizer

**PNLD 2023**

Ensino Fundamental

**anos iniciais**

FTD EDUCAÇÃO

Descomplicando a jornada docente  
rumo a uma **Educação transformadora.**

## OBJETO 2

Obras didáticas



**Livro de Práticas e  
Acompanhamento da Aprendizagem**  
(impresso para o estudante)



**Manual de Práticas e  
Acompanhamento da Aprendizagem**  
(digital em PDF para o professor)



**A Educação transformadora  
começa agora na sua escola!**



A editora mais escolhida do Brasil no PNLD.



Materiais cuidadosamente desenvolvidos para  
descomplicar sua jornada docente.



Autores renomados como José Ruy Giovanni Jr,  
Alfredo Boulos Júnior, Joamir Souza e Isabella  
Carpaneda e muitos outros.

Conheça as obras da **FTD Educação**  
aprovadas no Objeto 2!



Confira o Manual do professor  
do Objeto 2 no nosso site.

Aponte a câmera do seu celular para  
o QR Code e aproveite.

**PNLD.FTD.COM.BR**



## TEORIA SÓ FAZ SENTIDO QUANDO CONSTRUÍDA DENTRO DA REALIDADE DA PROFISSÃO

A frase que marca o título desta carta ao leitor parte dos ensinamentos do professor universitário e pensador português para a área de educação António Sampaio da Nôvoa.

Nos seus escritos, é possível ler que as propostas teóricas só fazem sentido se partirem da reflexão dos educadores sobre o seu próprio ofício em sala de aula. Mudanças que nascem por influências externas a essa realidade serão insuficientes.

Para conceber esta nova edição da revista **Mundo Escolar**, esse conceito serviu como base norteadora para a definição e produção de cada uma das reportagens. Foi estabelecida uma dinâmica para reconhecer o cotidiano, as trajetórias, os desafios e as necessidades dos docentes, coordenação e gestão de parceiros da FTD Educação.

Nas páginas internas, é possível conhecer detalhes da pesquisa pré-evento formativo, enviada a 335 pessoas de todo o Brasil, público formado por profissionais que vivenciam as rotinas educacionais, com o objetivo de que apontassem até três assuntos considerados relevantes para serem abordados na Jornada Pedagógica 2023.

A partir disso, foi possível definir a matéria de capa, que propõe uma discussão, sob três matizes distintos, dos aspectos socioemocionais na escola: do ponto de vista de educadores, estudantes e, também, uma reflexão sobre a relação desses indivíduos com a felicidade.

Os desafios para estabelecer uma proposta educacional inclusiva que seja, de fato, abrangente também estão entre os temas discutidos com especialistas que encaram, na prática, esses obstáculos.

Dentre os feedbacks recebidos, o anseio do corpo docente por orientações e novos caminhos para as práticas pedagógicas, pelas palavras de teóricos que têm multiplicado esses conhecimentos em palestras, lives e workshops – o mesmo se aplica às metodologias ativas e às tecnologias educacionais.

Com esse olhar, o conteúdo a seguir pretende ressaltar o protagonismo docente – e a importância de cuidar de si para promover relações socioemocionais de qualidade no ambiente escolar.

**Boa leitura. Equipe Educacional**

revista  
**MUNDO ESCOLAR**

### Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares  
Cintia Cristina Bagatin Lapa  
Roberta Campanini  
Elaine Castello (Curadoria de Conteúdo)  
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira  
Estella Pina Bover

### Realização:

Editor:  
Edimilson Cardial  
Curadoria:  
Marcelo Daniel  
Projeto gráfico e diagramação:  
Débora de Bem  
Gerente de publicidade:  
Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

### Impressão:

**FTD** | GRÁFICA & LOGÍSTICA  
educação

### FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo  
CEP 01326-010 - [www.ftd.com.br](http://www.ftd.com.br)



12

**6** Corda  
muito esticada

**10** “Para tratar o burnout  
é preciso rever hábitos”

**12** Preocupação  
permanente

**18** “A felicidade é mais  
que um direito,  
é um ato ético”

**20** Como garantir  
que o ensino aconteça

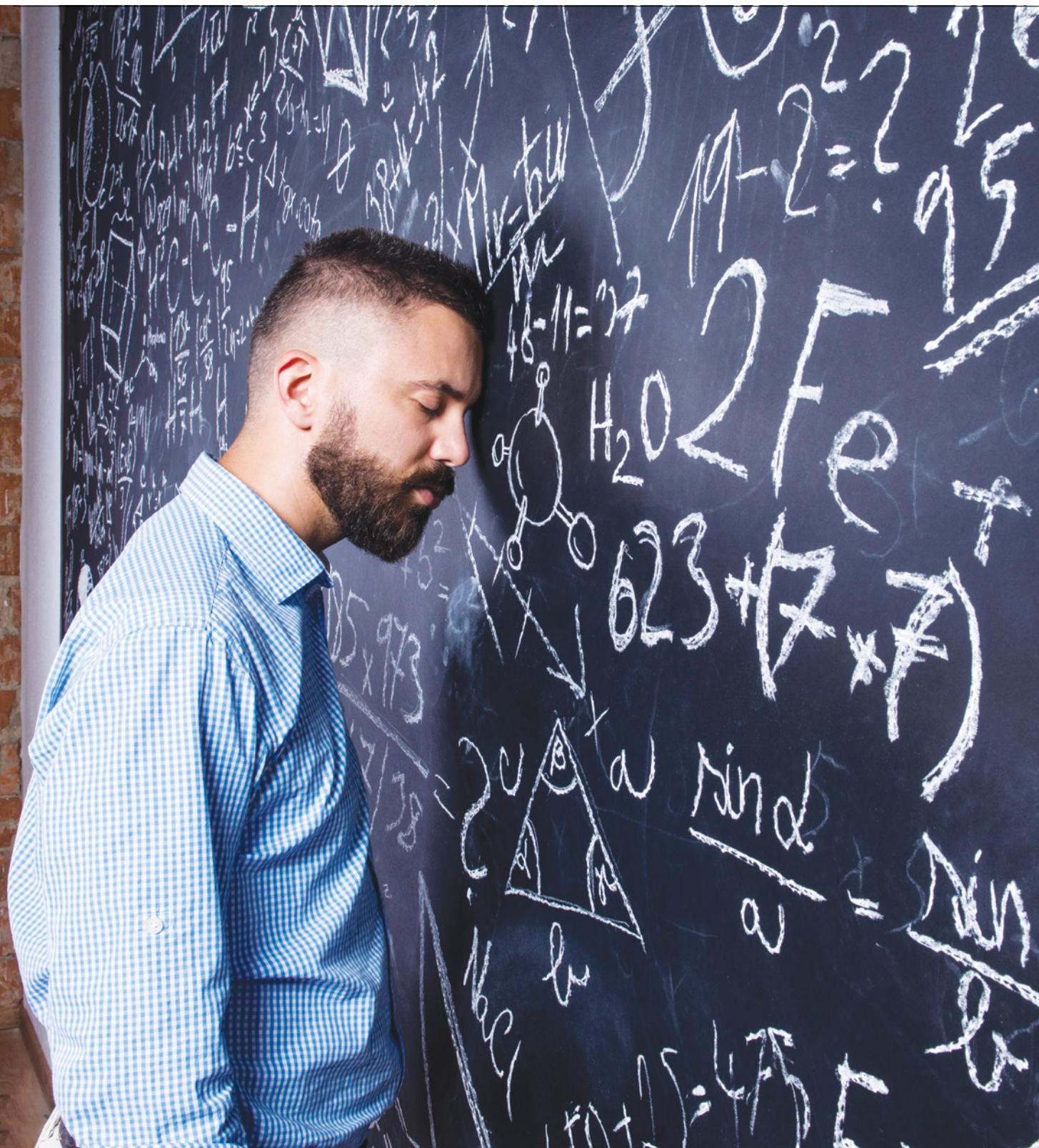
**24** Formação docente e  
outras barreiras para a  
educação inclusiva

**28** Escolas devem buscar  
fluência digital

**32** Conhecimento  
significativo,  
protagonismo e mediação inspiradora  
dos educadores

**36** 2022,  
o trabalho de remontar a escola

**40** Práticas pedagógicas e  
questões socioemocionais,  
as mais citadas em pesquisa



---

# Corda

## muito esticada

### Educadores enfrentam dificuldade para a readaptação às rotinas escolares, tendo de se equilibrar entre seus problemas de saúde mental e os dos estudantes

**D**esde 2019, Renata dá aulas de ciências para alunos de um bairro da periferia de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Veio a pandemia e suas rotinas (e as de todo o professorado) mudaram drasticamente.

Após uma pesquisa para entender quais alunos teriam smartphones ou computadores para acessar as aulas, notou que menos de 10% das tarefas propostas retornavam.

A pressão pela continuidade das atividades passou a ser resumida em numerosas lives de treinamento e planejamento. Era preciso se organizar para conseguir participar dos encontros on-line, ao mesmo tempo que as dinâmicas tinham de ser ministradas.

Antes da implementação de uma plataforma adequada, os conteúdos e contatos foram estabelecidos utilizando seu WhatsApp pessoal. Recordava-se de ser acordada, de madrugada, com pais de alunos relatando sua insatisfação com o momento e pedindo

soluções à docente. Chegou a apresentar aulas por quatro horas para um único estudante on-line.

Foram meses muito difíceis, em que tinha de conviver com os desafios pedagógicos, ao mesmo tempo que ouvia piadinhas de outras pessoas, dizendo que os professores eram privilegiados, pois estavam “sem trabalhar”.

Em outubro de 2021, os educadores da rede municipal receberam uma semana de folga. Ela tinha a impressão de que nem seis meses de férias seriam suficientes para aliviar aquilo que seu corpo sentia. No primeiro dia do recesso, sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) transitório e teve de ser hospitalizada.

Ela se recuperou, mas tem um sentimento de que o alto nível de estresse a que estava submetida pode ter sido o causador desse problema de saúde.

Esse é apenas um dos muitos exemplos de relatos recebidos pelo Núcleo de Estudo em contextos do Desenvolvimento Humano: Família e Escola (Nedefe), grupo de pesquisa do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).



“É um projeto de extensão focado na saúde mental dos professores durante e após a pandemia da Covid-19, que pudesse atender à comunidade do município e região, naquelas que são consideradas suas demandas essenciais”, pontua a professora Naiana Patias, coordenadora do núcleo.

### MOMENTO DIFÍCIL

O programa surgiu como necessidade no ano de 2020, quando os pesquisadores verificaram, durante conversas com professores da educação básica, a falta de um espaço de fala e escuta, sem julgamentos, sobre a saúde mental do docente.

Inicialmente, em conjunto com outras docentes do departamento, foi desenvolvida uma pesquisa on-line, em que os professores e professoras apontavam tanto as questões físicas do ambiente de trabalho quanto as relacionadas ao conhecimento, docência, necessidades e relações interpessoais. “Além de toda a informação coletada, passou a ser um instrumento que avalia os sintomas da síndrome de burnout (ler mais sobre o assunto a seguir)”, explica a pesquisadora.

Naiana Patias:  
pandemia somou-se  
a dificuldades que a  
classe já enfrentava



Divulgação

Esses profissionais passaram a conhecer e a se aproximar desse ambiente, num momento delicado para o seu cotidiano. Desde o início, ressalta, ocorreu essa busca por um lugar livre, propício para o compartilhamento de situações e vivências com psicólogos da UFSM. Foi nessas oportunidades que os pesquisadores puderam ouvir, por exemplo, o relato de uma professora de educação infantil, Elenara, tratando da insegurança da fase em que vivia. “A minha saúde mental, com certeza, está afetada diante de todos os problemas que enfrentamos diariamente com os alunos e familiares; nos sentimos inseguros em certas situações, por não ter clareza de como agir e o que fazer. Acabamos agindo por instinto ou com o coração”, desabafou.

Essas escutas eram feitas, inicialmente, de forma remota, via internet. Posteriormente, passaram a ser de maneira presencial e, hoje, contam com várias escolas parceiras que recebem a atuação *in loco* do Nedefe.

### MAIS UM FATOR DE RISCO

Na opinião de Naiana Patias, a pandemia somou-se a uma série de dificuldades que a classe do professorado já enfrentava. “O problema veio como algo a mais para um grupo que já sofria inúmeras questões, uma categoria que já estava adoecida, que historicamente sofre desafios como remuneração baixa, falta de reconhecimento, excesso de trabalho, entre outros”, diz.

Durante os encontros virtuais na época do isolamento social, o grupo de psicólogos ouviu depoimentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e seus familiares, problemas sobre a falta de separação entre os espaços de trabalho e doméstico, a abrupta inserção nos recursos tecnológicos – e, também, com a escassez deles. “Ouvimos casos de docentes que revezavam o único computador da casa entre as atividades pedagógicas e as tarefas dos filhos”, conta.

Após praticamente um ano de retorno ao presencial, o Nedefe percebe uma situação delicada quanto ao bem-estar desses profissionais. “Aqueles que não se afastaram por questões de saúde estão passando por um processo de sintomas como an-

siedade, depressão, irritabilidade, insônia, momentos difíceis de se enfrentar”, relata.

## AGRESSIVIDADE

Do ponto de vista da relação com a sala de aula, docentes falam sobre os desafios em lidar com questões comportamentais nos estudantes, que acabam por interferir no seu fazer pedagógico.

“Alunos têm se mostrado mais agressivos, ansiosos, e os professores têm de encarar situações complexas, com casos que se assemelham com os próprios sintomas que esses profissionais vêm sentindo”, diz.

Existe o caso de uma escola onde todos os integrantes de uma turma procuraram, em mais de uma ocasião, a sala da diretora, relatando crises de ansiedade.

Patias fala, também, de casos de empatia e aprendizado, como o de uma professora que, nas rotinas diárias com os estudantes, utiliza as estratégias que ela aprendeu com seu próprio diagnóstico de ansiedade, para orientar e acalmar algum aluno que esteja passando pelo mesmo problema.

“Percebemos a importância das relações interpessoais, do apoio que as pessoas recebem dos professores, dos colegas. Precisamos do outro para sobreviver”, reforça.

## “NINGUÉM APRENDE COM MEDO”

Em uma recente entrevista concedida sobre as dificuldades enfrentadas pelos docentes, a diretora de conteúdo da Bett Brasil, Adriana Martinelli, usou a seguinte expressão: “Ninguém aprende em situação de medo e alta ansiedade”.

Na sua visão, a aprendizagem é um processo que acontece prioritariamente em uma relação dialógica, com interações entre as pessoas, mediadas por informações e conhecimento. Quanto mais essa relação estiver pautada na confiança, melhor será a abertura para o aprendizado.

“O momento em que estamos trouxe alívio, por um lado, com a volta para a zona de conforto da sala de aula presencial, porém, após essa experiência, as pessoas não são as mesmas – mais do que nunca, é necessário resgatar as relações de confiança entre todos os atores da escola”, reforça.

Para a especialista, conviver harmonicamente com o conceito de incerteza pode ser considerado a mais necessária habilidade dos dias atuais. “Estar aberto ao imprevisto, lidar com alterações rápidas e necessárias são competências fundamentais para a educação, que sempre nos mostrou que a única certeza é a mudança”, afirma.

O professor deve focar suas lentes para um olhar menos rígido e resistente, e mais otimista, flexível, aberto e curioso. “Gosto de provocar os docentes a colocar em seu vocabulário interno diário o termo: ‘e se’? Como se ele fizesse autorreflexões constantes mediante as situações do dia a dia, provocando sua mente a imaginar e permitir o diferente”, salienta.

## A BNCC E A FORMAÇÃO

Martinelli é enfática ao dizer que o desenvolvimento do docente, em especial o pessoal, tem uma relação “mais que intrínseca” na condução de atividades pedagógicas em salas de aula fragilizadas.

Ressalta que as dez competências socioemocionais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representam um olhar contemporâneo da educação.

No entanto, acredita que não está sendo dada a ênfase necessária para o desenvolvimento dessas competências para os educadores. “Como eles podem promovê-las com seus estudantes se nunca tiveram a chance de olhar para si mesmos e sem oportunidade de autodesenvolvimento?”, questiona.

De acordo com a diretora, a formação inicial não dá conta dessa temática e as formações continuadas estão olhando basicamente para os estudantes, ou seja, trabalhando didáticas e metodologias para os alunos.

“É mais do que urgente ter oportunidades de desenvolvimento para os docentes com o foco exclusivamente neles, para que se tornem pessoas com maior capacidade de escuta, empatia, colaboração; para que saibam fluir em suas emoções diárias e para que procurem estabelecer boas conversas com seus estudantes, com base em respeito e ética”, conclui. 



DOCENTES



“Para tratar o burnout  
é preciso rever hábitos”



O trabalho não pode ser a  
única dimensão  
importante da vida

Divulgação

# Psicólogo fala sobre a alta generalizada desse diagnóstico nos anos recentes

**E**m entrevista à revista **Mundo Escolar**, o psicólogo da Amparo Saúde, especialista em saúde pública, Hugo Cantagalo Couto, falou sobre o crescimento no número de diagnósticos de síndrome de burnout nos últimos tempos – uma característica que tem envolvido um aumento geral, inclusive nos profissionais da educação.

## Por que tem se falado tanto em síndrome de burnout nos últimos anos?

Os casos aumentaram exponencialmente, a gente percebe isso na clínica, os últimos anos exigiram grandes adaptações na vida das pessoas. A equação pandemia mais isolamento social trouxe uma mistura entre vida pessoal e profissional que nem sempre conseguiu ser saudável. O burnout é uma síndrome gerada pelo excesso de trabalho e o momento econômico e social que vivemos traz um peso a mais para as pessoas.

## Quais são os principais sintomas?

Cansaço extremo, insônia, alteração de apetite, dores de cabeça, o sentimento permanente de que nada faz sentido, de que não há valor nas conquistas, e de que o trabalho é sem propósito são alguns dos sintomas. É uma fadiga psíquica acumulada no corpo e, para dar conta dessa fadiga, o corpo começa a encontrar meios de fazer a pessoa parar, mesmo contra a sua vontade. Em casos extremos, a gente tem sintomas clínicos como pressão alta, problemas intestinais e alterações cardíacas.

## No trabalho, que sinais devem ser observados com mais atenção?

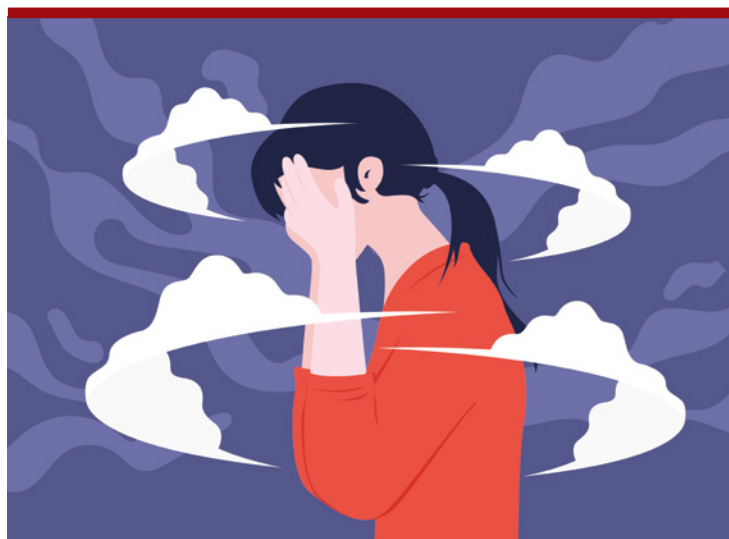
O trabalho é uma dimensão importante e fundamental da vida, mas não pode ser a única.

É preciso estar atento aos limites entre essas dimensões para mantê-las em equilíbrio. É importante ter espaços bem definidos para vida pessoal e social. O corpo manda sinais quando essas dimensões se desequilibram e é preciso atenção: exaustão, insônia, apatia são sinais de alerta.

## Como é o tratamento?

Para tratar o burnout é preciso rever hábitos e rotinas para buscar o equilíbrio necessário à qualidade de vida; a terapia é um importante aliado, pois ajuda o paciente a perceber os comportamentos que o levaram ao quadro e, a partir daí, fazer as mudanças necessárias. Em situações agudas e casos graves, o acompanhamento médico psiquiátrico e o suporte medicamentoso no estágio inicial do tratamento são fundamentais. 🧠

***“AQUELES QUE NÃO SE AFASTARAM POR QUESTÕES DE SAÚDE ESTÃO PASSANDO POR UM PROCESSO DE SINTOMAS COMO ANSIEDADE, DEPRESSÃO, IRRITABILIDADE, INSÔNIA, MOMENTOS DIFÍCEIS DE SE ENFRENTAR”.***







# Preocupação permanente

**Passado o período mais drástico do isolamento social por conta da pandemia, salas de aula de todas as idades ainda vivenciam questões socioemocionais relevantes, como problemas de engajamento, quadros de ansiedade e depressão**

**N**a entrevista concedida em julho de 2021 pelo professor e consultor Emílio Munaro, o país ainda atravessava o período crítico da pandemia de Covid-19, com menos de 20% da população totalmente vacinada com duas doses, e um número de mortes diárias na casa de 800.

Naquela conversa foi possível notar o especialista preocupado sobre como seriam os próximos tempos para os estudantes que viviam a situação de lockdown em suas rotinas.

“Os contextos cognitivo e socioemocional foram afetados e eu digo que hoje minha preocupação permanece – posso dizer que ela é ainda maior”, revela Munaro, diretor de Educação da Zoom, plataforma de videoconferências que aumentou em 30 vezes o número de usuários no país, durante o isolamento.

Números mostram esse momento delicado na vida dos alunos. Na rede estadual de São Paulo, dois de cada três estudantes que frequentam o 5º e 9º anos do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio relataram estar com sintomas de depressão e ansiedade. Os dados foram divulgados na pesquisa Avaliação do Futuro, desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e o Instituto Ayrton Senna (ler mais dados abaixo).

Mas o acolhimento, termo que foi amplamente divulgado nos meses finais das aulas em casa, segundo Munaro, foi deixado de lado no retorno às atividades presenciais.

Para esta reportagem da revista **Mundo Escolar** foram ouvidos especialistas que estão no dia a dia desses estudantes e, também, publicamos a experiência do Colégio Magnum Cidade Nova,

de Belo Horizonte (MG), que trabalha as competências socioemocionais e a escuta ativa na retomada das atividades.

## O SOCIOEMOCIONAL E A ESPERANÇA

A biografia de Munaro, que também é membro e conselheiro dos grupos Todos pela Educação e Bett Educar, tem uma passagem trágica, que teve forte influência nos rumos que sua vida tomou.

Em um período de apenas três anos, sua família foi vítima de dois episódios da violência paulistana, traumáticos e impensáveis: seu irmão mais novo e, em seguida, seu pai, foram assassinados em momentos distintos mas que tiveram a participação do mesmo criminoso.

“Eu tinha tudo para enlouquecer ou querer ir embora do país”, conta o professor, que afirma ter superado esse momento tão difícil com persistência, resiliência, citando o desenvolvimento e o fortalecimento do socioemocional.

Munaro: Aluno precisa de ambiente aberto e sem pautas, onde se sinta seguro

**“NÓS PERDEMOS A GRANDE CHANCE DE REFORMULAR A EDUCAÇÃO, DE PODER DEIXAR DE LADO O ASPECTO CONTEUDISTA E INVESTIR NESSAS COMPETÊNCIAS”, DESABAFA MUNARO**



Divulgação



“Nós perdemos a grande chance de reformular a educação, de poder deixar de lado o aspecto conteudista e investir nessas competências”, desabafa. Quando as escolas passaram a receber as atividades presenciais, tudo foi feito sob pressão, de forma acelerada, com um olhar demasiadamente focado em resultados – característica que ele observa ter sido maior ainda na rede privada de ensino.

Os caminhos que deveriam ter sido percorridos e não foram, na sua opinião, envolviam, primordialmente, o acolhimento e a abertura a esses jovens. “Um ambiente aberto, sem pautas, que pode ser uma folha de sulfite em branco, onde ele se sinta seguro e confiante para expor o que está sentindo – segurança é fruto da confiança”, reforça.

### RESILIÊNCIA EMOCIONAL

Resiliência emocional é enfrentar uma dificuldade, tirando dela um aprendizado para seguir

em frente. Em outras palavras, como define Munaro, é a capacidade de lidar consigo mesmo.

“E nesse campo estão três fatores que foram muito prejudicados com as incertezas trazidas pelo período da pandemia: a autoconfiança, a tolerância ao estresse e às frustrações”, cita.

E o que ele tem ouvido em rodas de conversa com professores de todo o território nacional é que, diante da pressão do retorno às aulas, após o longo período de dúvidas, alunos se fecharam para o convívio com o outro.

“Esse jovem não se socializa, com medo de assumir o desconhecido, para não ser chamado de

Abreu: Escola criou canal virtual para o aluno ter privacidade em seus pedidos

**A RESILIÊNCIA PRECISA SER TRABALHADA, PORQUE A PANDEMIA TROUXE SÉRIOS PREJUÍZOS PARA A AUTOCONFIANÇA, TOLERÂNCIA AO ESTRESSE E INCAPACIDADE DE ENFRENTAR AS FRUSTRAÇÕES**

burro, de sofrer bullying – e ao se fechar, ele entra em um processo de depressão”, comenta o professor.

Reportagem veiculada pelo Portal G1, em dezembro de 2022, narrou casos de adolescentes que, mesmo após o abrandamento das medidas preventivas, continuam a utilizar máscaras no rosto. O motivo é a insegurança: dizem ter dificuldade de ficar sem o acessório na escola, por exemplo, por vergonha de mostrar o próprio rosto e não sofrer comentários ou ofensas de pessoas da sala.

Trabalhar a resiliência emocional, segundo o especialista, é uma jornada que vai complementar a atuação das demais macrocompetências socioemocionais, como engajamento com os outros, abertura ao novo, amabilidade e autogestão.

## ESCUA ATIVA E EMPATIA

Com uma história iniciada em 1994, o Colégio Magnum Cidade Nova, de Belo Horizonte (MG), conseguiu colocar em prática algumas propostas de acolhimento no pós-pandemia.

“Estamos realizando um trabalho de escuta ativa e de acolhimento psicológico dentro da unidade, além de implantar outras iniciativas, com o propósito de dar suporte a alunos, familiares e profissionais”, conta uma das diretoras, Joísa de Abreu.

Uma dessas medidas foi chamada de Liga da Empatia, em que os próprios estudantes passam por oficinas de formação sobre esse tema, cujo objetivo é o de promover o protagonismo juvenil na construção de um ambiente de paz e acolhimento na escola.



“Criamos um canal virtual para a comunidade escolar compartilhar, com privacidade, para relatar como tem se sentido e solicitar a ajuda psicológica da escola, se sentir necessidade”, explica. Esse espaço disponibiliza conteúdos confiáveis sobre saúde mental, e oferece funcionalidades por meio de três serviços: ‘preciso falar’, ‘como lidar’ e ‘como ajudar’.

Antes da pandemia, a escola já oferecia a rede de acolhimento. “A ideia surgiu porque os professores eram procurados pelos alunos, espontaneamente, para conversar e, com isso, a instituição decidiu promover a capacitação dos docentes com o objetivo de realizar uma escuta mais acolhedora e assertiva”, relata.

Abreu salienta que durante o período do isolamento social diversas iniciativas foram estabelecidas por meio de encontros virtuais, lives e palestras. Nesse contexto, temas como autonomia, confiança e resiliência eram incentivados aos mais diversos públicos.

“Na iminência do retorno das aulas presenciais ou híbridas, mapeamos a necessidade de auxiliar aqueles que estavam adaptados ao ensino a distância e teriam alguma dificuldade na readaptação das aulas presenciais”, finaliza. 🌐



## 70% DOS ESTUDANTES DE SP RELATAM SINTOMAS DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE

Os dados coletados a partir da entrevista com 642 mil alunos da rede estadual de ensino de São Paulo, na pesquisa Avaliação do Futuro, desenvolvida pela secretaria de educação e o Instituto Ayrton Senna, constataram que um em cada três estudantes dizia ter dificuldade para conseguir a concentração em sala de aula. E mais: 18,8% declararam se sentir totalmente esgotados e sob pressão; já 18,1% afirmaram perder totalmente o sono por conta das preocupações; e 13,6% relataram a perda de confiança em si. Esses são considerados sintomas de transtornos de ansiedade e depressão.

A vice-presidente de Educação e Inovação do Instituto Ayrton Senna, Tatiana Filgueiras, ressalta os relatos de dificuldade de concentração, aliados ao baixo nível de foco, ligando à competência de autogestão, que é fundamental para o aprendizado. “Aproximadamente um terço dos alunos pesquisados se consideraram ‘pouquíssimo focados’. A avaliação ainda demonstrou que, quanto menores os índices de saúde mental do estudante, mais ele pode ter desafios de aprendizagem. Em contrapartida, avanços no fortalecimento da sua saúde mental podem significar até 8 meses letivos a mais no aprendizado em matemática, prejudicado nesses últimos dois anos, por exemplo”, diz.



“A felicidade é mais que um direito, **é um ato ético**”

**A importância de celebrar os momentos felizes e** entender as necessidades e exigências de fases mais tristes

**A** felicidade é a grande busca do ser humano. Quem faz a afirmação é o psicoterapeuta e escritor Leo Fraiman, complementando que a ciência mostra que, quando felizes, as pessoas têm maior capacidade de

aprender, se relacionam melhor, têm mais vigor, disposição, imunidade e, consequentemente, longevidade.

De acordo com o idealizador da Metodologia OPEE de Projeto de Vida e Atitude Empreendedora, trata-se de uma construção, baseada em auto-

conhecimento, valores, virtudes, em um projeto de vida que tenha sentido. “Felicidade é a rainha das competências reais socioemocionais: a vida boa é uma construção diária, 50% genética, 10% dependente de contingências ambientais e 40% dependente do manejo, do estilo como vivemos”, ressalta.

Por essas definições, o autor defende a importância de que esse tema seja debatido no mundo escolar. “Isso é pegar a vida nas mãos e entender que a felicidade é mais que um direito, é um ato ético”, diz.

Para abordar esse assunto nas relações diárias entre docentes e estudantes, na visão do autor, é aconselhável um olhar mais espiritual desse contexto. “Ao invés de dar uma aula ok, fazer a melhor que puder, e assim, em todos os âmbitos, buscar realmente o meu melhor, no sentido da doação, do amor e da luz que trazemos no e para o mundo”, reflete (*mais informações no box*).



Divulgação

Leo Fraiman: Não é sobre não ser triste, mas lidar com sabedoria nos momentos de dor

## VULNERABILIDADE

Sobre o momento, ressalta que lidar com as vulnerabilidades, pedir ajuda, com autocompaixão, pode facilitar a vivência, inclusive sendo uma saída possível para estados como o de estresse pós-traumático e superação.

“Não é sobre não ser triste, mas lidar com sabedoria nos momentos de dor, que é preciso um momento de quietude e luto, mas que não precisa ser solitário nem autodepreciativo”, pontua.

Fraiman é um crítico do que ele chama de “felicidade tóxica”, presente nas redes sociais e em alguns grupos de amigos. Nesses ambientes, frases como “não fique assim”, “mas você é jovem”, “você tem tudo”, são imposições que colocam ao outro uma incapacidade de entrar em contato com as dores, gerando uma culpa indevida de uma dívida descabida.

Na sua visão, é preciso entender que todos vivem momentos de luz, mas também de sombra – e faz parte vivenciar cada fase. “Quando eu não cuido de mim, não me conheço, não crio a partir de mim e para o mundo que me cerca uma vida saudável, feliz e produtiva, com chances de me tornar um peso ao outro – e isso não é ético”, conclui. 🌱

## PARA SER MAIS FELIZ

A Ciência da Felicidade, criada pelo professor de Harvard Tal Ben-Shahar, mostra que existem cinco grandes fatores que nos aproximam de um estado mais feliz. Fraiman comenta cada um deles:

- 1. Espiritualidade:** entregar ao mundo algo voltado à excelência, buscar o extraordinário – fazer sempre o meu melhor;
- 2. Físico:** cuidar do sono, da alimentação. Evitar atitudes “depressivo-gênicas”;
- 3. Intelectual:** investir na curiosidade, abertura ao novo, aprender coisas diferentes;
- 4. Relacional:** é fundamental cultivar laços, ligar para as pessoas, estar perto – lembrar de não se relacionar apenas por emoticons e avatares;
- 5. Emocional:** a relação que temos conosco, da autoamizade, de sermos nossos melhores amigos. Saber procurar ajuda e, também, celebrar quando acertamos.



# Como garantir que o ensino aconteça

## Após turbulento período de quebra de rotinas educacionais, os mecanismos de formação e as estratégias para reduzir o impacto da pandemia nas salas de aula

**R**egistros preocupantes emanam das escolas em decorrência de danos causados pelo isolamento social e a pandemia. São questões de desequilíbrio nas relações escolares, com casos diversos de agressividade, desestímulo, abandono. E há os vácuos de aprendizagem em língua portuguesa e matemática, evidenciados pelas pesquisas e avaliações, sem contar o que deve estar acontecendo com os demais componentes, observa a diretora do Instituto Reúna, a professora Katia Smole.

“Resolver essa questão vai exigir um conjunto planejado e bem definido de ações que permitam reduzir os impactos – e líderes de secretarias e equipes gestoras das escolas têm papel essencial para organizar e desenvolver o plano, bem como monitorar se eles surtem efeito ou precisam ser ajustados”, explica, ressaltando que essa não é uma tarefa que acabou em 2022. Na verdade, esse caminho apenas começou.



Katia Smole:  
recomposição das  
aprendizagens inclui  
a recuperação

*“SEMPRE DIGO QUE UM PLANEJAMENTO COMEÇA PELA RESPOSTA A TRÊS PERGUNTAS, NESTA ORDEM: O QUE OS MEUS ESTUDANTES PRECISAM APRENDER; COMO APRENDEM E O QUE EU VOU FAZER PARA QUE APRENHAM?”*

– KATIA SMOLE

## O QUE OS ESTUDANTES PRECISAM APRENDER

Na visão de Smole, o momento atual da educação brasileira exige considerar eixos como currículo priorizado, segurança emocional para os estudantes e professores, seleção de boas atividades e, ainda, a formação dos educadores para lidar com tantos e diversos desafios. A avaliação contínua, ressalta, será a ferramenta de acompanhamento para saber se os planos estão dando certo ou precisam ser ajustados.

“Sempre digo que um planejamento começa pela resposta a três perguntas, nesta ordem: o que os meus estudantes precisam aprender; como aprendem e o que eu vou fazer para que aprendam?”, enumera.

As respostas para o segundo e terceiro questionamentos estão no material didático – que ela chama de potente aliado da docência. “Eu não vejo necessidade de fazermos grandes adaptações nesse conteúdo, mas que seja utilizado para ensinar aquilo que vai estar no currículo priorizado. Será preciso fazer escolhas e o que as define é o que se espera que os estudantes aprendam”, complementa.

## RECOMPOR OU RECUPERAR?

Na explicação da professora, a recomposição das aprendizagens inclui a recuperação, mas é maior que ela. “É um conjunto articulado de ações

para garantir que as aprendizagens, que sequer foram feitas pelos estudantes, aconteçam”, pontua.

Dentre os tópicos que estão inseridos nesse contexto estão, por exemplo, organização dos tempos de aula, modificações necessárias nas turmas, formação docente, planejamento de apoio socioemocional dos estudantes, avaliações diagnósticas e formativas etc.

A recuperação é uma ação mais pontual, realizada após ou durante o processo avaliativo para apoiar que o estudante alcance uma aprendizagem específica de uma etapa do ano. A recomposição, por sua vez, deve durar pelo menos até 2025. “Enquanto a recuperação é responsabilidade do educador com os alunos, a recomposição é responsabilidade de gestores, professores, equipes pedagógicas”, complementa.

## A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

Segundo a docente, a avaliação é essencial nesse processo. Seja para situar os estudantes e os professores no ponto de partida em que estão as aprendizagens, permitindo diagnóstico e tomada de decisão sobre os passos seguintes do planejamento, seja para acompanhar cuidadosamente se as aprendizagens previstas estão acontecendo ou não.

“A sala de aula é um meio de o educador acompanhar os alunos em processo e tomar decisões rápidas para ajustar as atividades e garantir aprendizagens”, complementa. 🗣️

## CRIANÇAS: CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Na opinião da diretora da Escola de Educadores, Beatriz Ferraz, especialista em educação infantil, os fatores que compõem uma boa experiência de aprendizagem são, além da construção de conhecimentos, as habilidades, valores, atitudes, afetos e princípios que se dão por meio de ações de descoberta das crianças.

“Diz respeito ao sentido e ao significado que o aluno dá para aquele saber e, com isso, a gente pode dizer que o resultado dessa experiência positiva é a construção de saberes que são efetivamente incorporados a esse estudante”, pontua.

Para atingir esse objetivo, esclarece que é importante que existam aspectos essenciais: garantir que esse público tenha um papel ativo e seja protagonista desse ato de co-construir essas experiências, com a fundamental interação com os outros sujeitos. “Ele tem a oportunidade de se dar conta do que a sua experiência gerou e se apropriar, por meio de transformação, em um contexto de aprendizagem social”, diz.

## FORMAÇÃO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Na análise da socióloga e professora Maria Helena Guimarães de Castro, que foi presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE) durante os dois anos da pandemia e, atualmente, está à frente da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Abave), existe uma preocupação com a falta de experiência nos programas de formação inicial. “Saem das faculdades despreparados para os enfrentamentos na rotina. Quando chegam ao exercício profissional, sentem falta de conhecer mais a realidade da sala de aula”, aponta. Mas também observa os desafios que estão ligados aos 2,3 milhões de docentes existentes nas redes pública e privada – “em geral, o professorado demanda um conhecimento maior de métodos e práticas pedagógicas”.

Na visão da especialista, as normas apresentadas pela Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as diretrizes nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica, propõem o compartilhamento de boas práticas para a categoria.

“Traz uma proposta inovadora, atualizada, alinhada com as melhores medidas e tendências internacionais, pois valoriza a prática docente, a formação profissional desde o início e a importância de o professor aprender a aplicação pedagógica do conteúdo que vai ensinar”, explica.

As mudanças vão servir, também, para a formação continuada dos profissionais que estão em atuação nas redes. “Esse público precisa de métodos que estimulem a inovação, para que possam desenvolver um currículo por competências e assim por diante”, ressalta.

Ainda de acordo com a resolução, as novas diretrizes preveem o estabelecimento de redes de colaboração e comunidades de aprendizagem, em que os educadores possam trocar suas práticas, ideias e propostas que podem inspirar o trabalho de outros colegas.



Maria Helena Guimarães de Castro: professores precisam de métodos para estimular a inovação

Divulgação

# Formação docente e outras barreiras para a **educação inclusiva**

## A busca pela igualdade e os desafios a serem vencidos dentro e fora da sala de aula



número de matrículas da educação especial no Brasil chegou a 1,3 milhão – um aumento de 26,7% em relação a 2017, de acordo com dados do Censo Escolar da Educação Básica 2021, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

O índice referente aos estudantes com deficiência, transtornos do espectro autista ou altas habilidades matriculados em classes comuns tem aumentado ano a ano. No entanto, há uma escassez de profissionais que compreendam e atuem na perspectiva inclusiva, conforme observa a psicopedagoga e assistente técnica de educação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Dianna de Melo e Silva.

“Do que tenho acompanhado nas escolas, muitos docentes não se sentem seguros quando possuem, na turma em que lecionam, algum estudante com

deficiência. Parte dessa insegurança, de fato, tem a ver com o aspecto formativo, porque o que nos é desconhecido causa estranheza”, explica.

Nos últimos anos, os cursos de licenciatura implementaram em sua grade curricular a disciplina de educação especial, que traz algumas contribuições sobre essa discussão, mas que, segundo a docente, ainda não é suficiente.

“O educador deveria ter acesso a uma formação continuada, para colaborar ainda mais com a perspectiva inclusiva. Muitos professores não sabem por onde começar esse atendimento, nem mesmo o que devem fazer”, alerta.

### O PAPEL DA TECNOLOGIA

As novas formas de tecnologia são instrumentos para eliminação de barreiras e promoção da autonomia das pessoas com deficiência, explica Melo e Silva. “Isso se aplica desde uma prótese moderna até um aplicativo de celular, que lê um



Melo e Silva: muitos docentes não se sentem seguros

Divulgação



texto para alguém com deficiência visual ou pessoas com cegueira”, exemplifica.

É possível notar, complementa, como a tecnologia reduz a distância entre um intérprete de Libras e a pessoa surda que necessita do recurso durante uma consulta, por exemplo. “Eles se comunicam por videoconferência e as barreiras linguísticas são eliminadas”, diz.

Cita, ainda, as possibilidades da tecnologia assistiva, que são ferramentas, serviços e ideias que funcionam como recursos de acessibilidade para garantir a participação das pessoas. “Se uma criança não consegue segurar uma folha de sulfite com uma mão e, com a outra, fazer o desenho, podemos fixar o papel na mesa com fitas adesivas

– esse movimento dá assistência a quem dela necessita”, exemplifica.

## A BARREIRA ESTÁ NO AMBIENTE

Para a professora, escritora e especialista em educação especial Luciana Ferreira, uma premissa para discutir o tema da acessibilidade está na mudança de mentalidade sobre a questão. “Apenas quando passarmos a entender que a barreira está no ambiente e não na pessoa com deficiência e eliminarmos os obstáculos, estaremos promovendo-lhe o acesso em igualdade de condições com as demais pessoas, conforme preconizam as legislações vigentes”, pontua.

Na sua visão, falar sobre o direito à acessibilidade nas instituições também se refere a um movimento que acontece conforme demanda. “Somente quando os alunos adentram aos espaços é que as necessidades surgem, dando movimentação para que o que é de direito seja investido e cumprido – raras são as exceções que ofertam antecipadamente um ambiente acessível ao coletivo comum”, explica.

## DESENHO UNIVERSAL

Para trabalhar a essência das propostas de acessibilidade nas escolas, a autora sugere um olhar macro, para um conceito oriundo da arquitetura, dis-

Ferreira: movimento social não acontece de um dia para o outro

**“SOMENTE QUANDO OS ALUNOS ADENTRAM AOS ESPAÇOS É QUE AS NECESSIDADES SURGEM, DANDO MOVIMENTAÇÃO PARA QUE O QUE É DE DIREITO SEJA INVESTIDO E CUMPRIDO – RARAS SÃO AS EXCEÇÕES QUE OFERTAM ANTECIPADAMENTE UM AMBIENTE ACESSÍVEL AO COLETIVO COMUM”**

– LUCIANA FERREIRA



Divulgação

cutido originalmente nos Estados Unidos, por Ronald Mace, um usuário de cadeira de rodas que tinha como base, em seus projetos, ambientes e espaços que fossem livres de barreiras: o Desenho Universal.

“O objetivo central é que nada seja construído ou pensado que não possa ser usado como acesso universal, de maneira autônoma e segura, independente das condições físicas e sensoriais de qualquer pessoa”, comenta.

“Os conhecimentos produzidos por intermédio de pesquisas das ciências da aprendizagem, da neurociência e das mídias são ferramentas apresentadas como proposição à remoção de barreiras e garantia de que todos os alunos tenham aprendizagem significativa e desafiadora, estudantes com e sem deficiência, além de promover o acesso ao currículo considerando as singularidades nas diferentes formas de acesso ao conhecimento em decorrência da aprendizagem”, diz.



Divulgação

Rezende Filho:  
precisamos começar  
a reconstrução

## VISÕES DE FUTURO

“Todo movimento cultural e social não acontece de um dia para o outro”, aponta Ferreira, que afirma já ter visto muitas mudanças. “Ver as pessoas com deficiência dividindo os espaços sociais, ainda que existam preconceitos e barreiras circulando e a serem vencidos certamente já garante

termos parte grandiosa de uma conquista histórica”, ressalta.

As professoras Ferreira e Melo e Silva participam do desenvolvimento do Guia para Inclusão, para apoiar parceiros da FTD Educação, com lançamento previsto para 2023. 🗣️

## COMO A INCLUSÃO VEM SENDO DEBATIDA NAS SALAS DE AULA?

O questionamento é feito pelo especialista Deives Rezende Filho. “Se buscamos transformação para nossas crianças e adolescentes precisamos urgentemente recomeçar a construção de forma orgânica e genuína, ou seja, dentro da sala de casa e da sala dos professores”, ressalta. A indagação parte do princípio de que casos de racismo e preconceito a pessoas com deficiência ainda são registrados no ambiente escolar brasileiro.

De acordo com o CEO e fundador da consultoria Condurú, esses assuntos não chegaram às pessoas de forma orgânica e genuína. “Quando nos deparamos com salas de aula sem docentes negros e negras, principalmente no ensino privado, podemos inicialmente questionar se o corpo diretivo tem conhecimento da representatividade e sua importância para o desenvolvimento psíquico e emocional das crianças e adolescentes”, pontua.

Para Rezende Filho, é momento de rever a forma como esses temas são falados e vividos desde o ambiente familiar até o convívio social. “Precisamos ter em mente que as agressões (físicas ou psicológicas) são na escola e, se não pararmos para pensar e repensar, as agressões em muito breve serão às escolas”, finaliza.



# Escolas devem buscar **fluência digital**

**Para desenvolver  
conhecimentos que  
tornem crianças e  
jovens capazes de  
atender às demandas  
da sociedade**



bebê que, com poucos meses de vida, já foca o olhar atento para as imagens e sons que partem do smartphone. Pouco tempo depois, nos primeiros anos, já demonstra facilidade na movimentação com o toque dos dedos entre ícones de aplicativos e seleção de vídeos e jogos. Essas são cenas do cotidiano de famílias brasileiras na atualidade, mas o fato de crianças e jovens serem capazes de utilizar tecnologias cada vez mais cedo não significa que são fluentes digitais.





Essa afirmação parte do fundador do CoolHow, laboratório de conteúdo e educação corporativa, Tiago Belotte. “A fluência digital passa pela conquista de competências como busca e curadoria de informação, sabendo distinguir o que é verdadeiro do que é falso, o que é uma informação de qualidade do que não é”, alerta.

Esse tipo de conceituação passa, certamente, pelo conjunto de conteúdos que deve estar presente entre as discussões que serão relevantes neste ano, dentro do tópico da tecnologia.

### ALFABETIZAÇÃO DIGITAL

Para o consultor e palestrante, as distinções acima citadas fazem parte do conceito de alfabetização digital, defendido como prioritário pela Organização das Nações Unidas (ONU) na educação do século 21. “Esse tema é um dos meus objetos de estudo nos últimos anos”, afirma.

Em suas reflexões, costuma trazer para o contexto da sala de aula aspectos da chamada Nova Econo-

mia, como o protagonismo das habilidades criativas, que ele chama de principal e fundamental aspecto.

“A resposta para diversas mudanças que atravessamos no presente passa pelo desenvolvimento de conhecimentos que tornem crianças e jovens capazes de atender às demandas da sociedade e do planeta”, detalha o especialista, que atualmente vive em Portugal. “Precisamos ser capazes de criar o futuro que desejamos”, reforça.

Outro ponto que costuma ser destaque nas suas propostas é o da aproximação de dinâmicas da educação corporativa nas escolas. Apesar de voltadas, inicialmente, para um público adulto, muitas das práticas e metodologias experimentadas com êxito nesse âmbito podem ser aplicadas a diferentes idades. “Ao fim, estamos enfrentando desafios semelhantes: engajamento, personalização ou customização do aprendizado, práticas alinhadas com o tempo que vivemos e uso saudável e eficaz da tecnologia, só para dar alguns exemplos”, cita.

### TECNOLOGIA NO RETORNO

A diretora-adjunta de Plataforma e Negócios Digitais da FTD Educação, Luciana Teixeira, avalia que, nesse primeiro ano de retorno às atividades presenciais, houve uma já esperada reorganização de percursos pedagógicos dentro e fora da sala de aula, com diferentes níveis de utilização de atividades mediadas por tecnologia.

“O afastamento social imposto pela pandemia nos expôs, de um uso esporádico e complementar, para um uso diário e intenso desses recursos, o que, a longo prazo, foi extremamente cansativo”, observa. Na sua opinião, é natural que exista um movimento reverso, que leve esse público de volta à zona de conforto, anterior ao isolamento. Para a especialista, nesse distanciamento há espaço para um forte amadurecimento, de docentes e estudantes, para a relevância do ensino híbrido.

O ambiente digital Iônica, da FTD Educação, é uma plataforma que entrega conteúdos e atividades, um espaço para que professores criem seus cursos e ministrem aulas virtuais, seja no modelo síncrono ou assíncrono, com possibilidades de contato e interação.



Tiago Belotte:  
engajamento é  
um desafio

Divulgação

**“A RESPOSTA PARA DIVERSAS MUDANÇAS QUE ATRAVESSAMOS PASSA PELO DESENVOLVIMENTO DE CONHECIMENTOS QUE TORNEM CRIANÇAS E JOVENS CAPAZES DE ATENDER ÀS DEMANDAS DA SOCIEDADE E DO PLANETA”**

– TIAGO BELOTTE

## EM ALTA

Alexandre Sayão resalta tópicos que estarão no centro do debate tecnológico educacional em 2023. O especialista é CEO da amais educação.

- **Ensino personalizado**

Criar, através de dados vindos de plataformas, uma trilha personalizada para o estudante, entendendo suas principais lacunas de aprendizagem e, a partir daí, conhecimentos dos mais básicos aos avançados, são propostos aos estudantes.

- **Aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem**

É uma tendência com as competências socioemocionais, protagonismo, itinerários formativos, projeto de vida, escolher o que o estudante quer ser. Desenvolver habilidades fora das mais tradicionais, até então ligadas à comprovação de conhecimento.

- **Realidade virtual, realidade aumentada e gamificação**

Inovações que vêm muito do mundo dos games, inicialmente, mas que têm benefícios quando bem aplicadas no ensino: engajar mais os alunos, incentivar a colaboração, desenvolvimento de competências como resiliência, trabalho em equipe, instigar o aluno a se desafiar, colocar objetivos e ir atrás.



Divulgação

Alexandre Sayão: inovações dos games trazem benefícios quando bem aplicadas



Divulgação

“Para o ano que se inicia, nosso foco de atuação está voltado para recursos e conteúdo que apoiem professores e alunos na busca pelo equilíbrio do ensino híbrido, além de fomentar reflexões sobre quais ganhos que o uso das tecnologias nos trouxe e que dá sentido incorporar efetivamente no processo de aprendizagem”, pontua.

Teixeira destaca também a ampliação do trabalho com dados de aprendizagem, oferecendo relatórios e leituras que apoiem educadores e estudantes a identificarem gaps e a criar planos de recuperação da aprendizagem com base em dados de consumo e desempenho. 🔄

Luciana Teixeira: refletir os ganhos do uso da tecnologia na escola

***“O AFASTAMENTO SOCIAL IMPOSTO PELA PANDEMIA NOS EXPÔS, DE UM USO ESPORÁDICO E COMPLEMENTAR, PARA UM USO DIÁRIO E INTENSO DESSES RECURSOS, O QUE, A LONGO PRAZO, FOI EXTREMAMENTE CANSATIVO”***

– LUCIANA TEIXEIRA

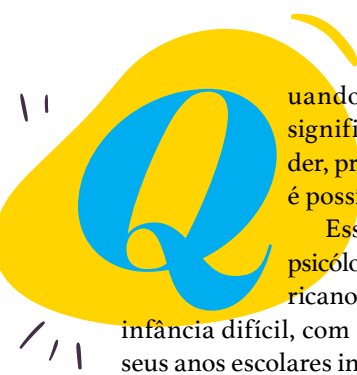


# Conhecimento significativo,

protagonismo e mediação  
inspiradora dos educadores



# Uma reflexão sobre os desafios das estratégias didáticas e o papel das metodologias ativas nessa equação



Quando se fala em aprendizagem significativa, é importante entender, primordialmente, que ela não é possível de ser ensinada.

Esse conceito é defendido pelo psicólogo e pesquisador norte-americano Paul Ausubel, que teve uma infância difícil, com passagens complicadas em seus anos escolares iniciais – do ponto de vista da aprendizagem e do comportamento esperado. Filho de uma família humilde de imigrantes, enfrentou dificuldades em um bairro periférico de Nova York, com problemas financeiros e sociais, como o da violência. Ao término dessa jornada de formação, percebeu que nenhum aspecto de sua história pessoal tinha sido aproveitado na escola.

“Para que uma aprendizagem ocorra, ela parte de um problema, de uma possibilidade de pensar a partir de um desafio, e que se relaciona às experiências anteriores e vivências pessoais de quem aprende, permitindo a solução de problemas de algum modo desafiantes”, esclarece a diretora do Instituto Reúna, a professora Katia Smole. Esses desafios vão incentivar esse estudante a aprender mais, o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeando modificações de comportamentos e contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações.

## ATRIBUIR SIGNIFICADOS AO QUE SE APRENDE

Fundadora do Grupo Mathema, a especialista é constantemente convidada a conversar e dar palestras a professores das mais diversas redes de

ensino. Durante a pandemia, essas interlocuções foram constantes.

“Se o professor quer que os alunos atribuam significado ao que aprendem, eles precisam saber o papel das estratégias didáticas, da forma como se organiza a aula; como esse processo ocorre no cérebro de quem aprende, esse órgão precisa ser desafiado, provocado a pensar, a fazer relações”, comenta a docente, que ainda enxerga, atualmente, a predominância de aulas expositivas, poucos projetos, aulas que são baseadas em perguntas simples na espera de respostas adequadas, sem espaço para o erro e a discussão.

Questionada sobre aspectos de uma aprendizagem significativa nas diretrizes educacionais mais recentes do Brasil, Smole faz reflexões tanto sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto ao Novo Ensino Médio (NEM).

Apesar de nenhum desses documentos trazer definições ou imposições metodológicas, ao tratar das dez competências gerais e específicas, a BNCC propõe métodos ativos de aprendizagem, por meio de saberes em ação, que devem ser desenvolvidos em sala de aula em projetos, experimentos, problemas etc. “Quando há mobilização de conhecimento e a aprendizagem ocorre, ela é significativa”, diz.

Já no que se refere ao NEM, além dos pressupostos relacionados à base em sua elaboração, com suas características e os Itinerários Formativos, existe a previsão de que eles se organizem em torno de quatro eixos fundamentais: investigação científica, mediação e intervenção sociocultural; criatividade e empreendedorismo. “Ao serem planejados e desenvolvidos, espera-se que os estudantes aprofundem conhecimentos de modo significativo”, complementa.



## BUSCA POR NOVAS PRÁTICAS

Além dos feedbacks em cursos, palestras e consultorias, os números de visualizações e as abas de comentários das redes sociais da Moonshot Educação evidenciam um cenário: o professorado está em busca constante de informações para o preparo das aulas.

“Com a chegada da pandemia, os educadores se viram em uma realidade atípica, na qual a necessidade de utilização de uma interface tecnológica tornou-se indispensável para que as aulas acontecessem”, pontua o especialista em Metodologias Ativas e Tecnologias Educacionais Marlon Brunetta. “A busca por novas práticas se tornou mais frequente e, como professores e criadores de conteúdos que somos, temos a missão de inspirar e disseminar novos aprendizados, principalmente em um período em que tópicos educacionais compartilhados foram expressivamente mais acessados”, relata.

Segundo o palestrante, se antes o método tradicional de ensino, em que o professor era o detentor de todo o conhecimento e transmitia aos

seus alunos era o suficiente, hoje em dia não é mais. “É preciso ter uma aula mais envolvente, que esteja conectada às demandas existentes no momento contemporâneo”, pontua.

Diante disso, afirma que são demandados para a realização de palestras e workshops sobre as metodologias ativas nas mais diversas instituições.

## CONTINUIDADE

Ao retornarem as aulas no formato presencial, observa Brunetta, parte considerável dos educadores que haviam adotado novas metodologias e tecnologias em suas práticas deixaram de utilizar esses aprendizados adquiridos nos meses anteriores.

“As novas ferramentas e caminhos utilizados no ensino remoto, e nos momentos de hibridismo das aulas, parecem não terem modificado a bagagem docente quando do retorno físico para as salas de aula”, diz.

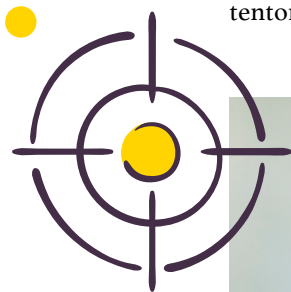
Na sua opinião, os professores precisam ousar em continuar ressignificando e inovando suas práticas e, aos gestores educacionais, cabe uma mentalidade de liderança a fim de apoiar e dar segurança a esses pares, para que avancem organicamente do modelo de aula tradicional para o ativo.

“O tradicional e o disruptivo podem coexistir nos caminhos para a aprendizagem humana, porém, a educação que nos trouxe até aqui não é aquela que nos conduzirá para os próximos anos de um mundo exponencial”, cita.

## ACELERAR O PROTAGONISMO

“Focadas na aprendizagem dos estudantes, as metodologias ativas são estratégicas para acelerar o protagonismo do aluno e a mediação inspiradora do professor – ao longo da nossa história, é possível encontrar autores notáveis e robustas evidências científicas sobre sua eficácia transformadora”, salienta o especialista em Inovação Educacional José Motta.

Na sua opinião, a problemática da não adoção dessas estratégias por muitos educadores não se deve à falta de conhecimento da sua existência, mas por não terem sido preparados para isso, pelo receio e insegurança em adotar novos caminhos ou sair da chamada zona de conforto.



Brunetta: é preciso ter uma aula mais envolvente

Divulgação

## AS METODOLOGIAS ATIVAS MAIS PROCURADAS

Na avaliação de Motta e Brunetta, cofundadores da Moonshot Educação, as metodologias abaixo são as mais pesquisadas e implementadas por gestores e educadores nos dias atuais. Pedimos para discorrerem sobre cada uma delas.

### **Gamificação**

Cria um ambiente que permite que o estudante desenvolva muitas competências necessárias para a vida. Por meio dos elementos dos jogos, os alunos aprendem que os erros fazem parte da trajetória e desenvolvem a persistência para continuar a seguir para os próximos níveis.

### **Aprendizagem entre Pares**

Incentiva a discussão, a interação com iguais, estimula a demonstração do raciocínio próprio e da possibilidade de avaliar o argumento contrário, tornando as aulas muito mais significativas.

### **Sala de Aula Quebra-Cabeça**

Nessa metodologia os alunos trabalham habilidades interpessoais como comunicação, confiança, liderança, decisão e resolução de conflitos.

### **Sala de Aula Invertida**

É uma das mais difundidas no mundo educacional e com uma estrutura que está aderente às demandas contemporâneas.

### **Aprendizagem Baseada em Projetos**

Os estudantes trabalham com questões e problemas reais, colaboram na criação de soluções e protótipos, apresentam e defendem caminhos para a solução dos problemas sobre os quais se debruçaram.



Motta: educadores não foram preparados para as metodologias ativas

Para o especialista, a maior parte dos educadores experimentou, ao longo da sua vida escolar, aulas com professores que conduziam o processo de ensino e aprendizagem em um formato considerado tradicional. Esse paradigma fez com que adotassem o que parecia o mais sensato para eles: replicar o modelo que conheciam quando eram crianças e adolescentes. “As instituições que desejam avançar em propor novas práticas e verdadeiramente abraçar a inovação em sala de aula, visando o engajamento e protagonismo dos alunos, precisam investir em três pilares fundamentais: formação docente com trilhas de metodologias ativas, infraestrutura tecnológica e novos espaços para a aprendizagem”, ressalta.

De acordo com Motta, as metodologias ativas podem atuar nesse contexto, pois colocam o aluno como corresponsável pelo seu processo de aprendizagem. “Esse encontro das tecnologias educacionais dando suporte às metodologias ativas é uma combinação poderosa para a educação do presente e do futuro”, conclui. 🌐



Divulgação



# 2022, o trabalho de remontar a escola

Em todos os depoimentos colhidos para a pesquisa que serviu como guia para a **Jornada Pedagógica** as principais questões foram saúde mental, acolhimento, convívio social

**C**om o tema central Protagonismo docente: cuidando de si para promover relações socioemocionais com qualidade no ambiente escolar, o evento formativo da *Jornada Pedagógica de 2023* foi criado para

as escolas parceiras da FTD Educação, a partir da pesquisa realizada. Nos depoimentos colhidos, as preocupações foram sempre como tratar as sequelas deixadas pela pandemia. A partir disso a curadoria escolheu temas e participantes. Veja alguns exemplos abaixo. 🌐



***Simone Inês Machado,***  
diretora pedagógica do  
***Colégio Dom José – Brasília (DF)***

“Considero de suma importância ter um canal aberto para discussões, aprimoramentos, orientações acerca de temas comuns que passam as práticas pedagógicas.

Alunos sem rotina de estudo, desinteressados, ligados em jogos de internet, apáticos, desanimados, com crises de ansiedade, com necessidades individuais muito específicas, trouxeram desafios constantes para a equipe pedagógica no retorno das aulas presenciais.

O afastamento da escola durante a pandemia trouxe prejuízos à aprendizagem e, também, ao desenvolvimento social e emocional. O acolhimento com carinho foi fundamental para readaptação dos alunos. Sabemos que a escola é um ambiente de aprendizagem saudável e a presença do professor, dos colegas, a possibilidade de interação, são insubstituíveis para o fortalecimento dos vínculos, para o reconhecimento de si e do outro, para saúde emocional.”

***Danielle Santos Pinheiro,***  
coordenadora pedagógica do  
***Colégio Maria Raythe – Rio de Janeiro (RJ)***

“O que mais necessitamos é tratar de aspectos do socioemocional dos professores. Depois da pandemia, alguns docentes vieram muito abalados, devido a perdas de familiares e as circunstâncias de terem se transformado quase em youtubers de repente. Em menos de um mês já estávamos com uma plataforma em tempo integral on-line. Muitos não tinham esse domínio total da informática, dessa estrutura dentro de casa, dividindo espaço com filhos e familiares. Enfim, tivemos de nos reinventar.

Considero que 2022 foi um ano mais trabalhoso para conduzir esse processo na escola, pois todos estavam de volta e foi uma readaptação geral, de funcionários, equipe técnica, docentes e estudantes. Dava a impressão de que estavam começando do zero. Alunos saíram da educação infantil e já voltaram no segundo ou terceiro ano, eles perderam muita coisa, até do convívio social, da questão do lidar e do saber conviver, dividir, que tem hora. Foi um trabalho de formiguinha.”





### ***Luciana da Silva Costa Lima,***

**diretora pedagógica do Colégio Favo – Salvador (BA)**

“A questão emocional tem sido algo bem desafiador para nós da escola, pois muitos alunos e professores retornaram com o emocional abalado, com crises de ansiedade, depressão, dificuldade de socialização. Acredito que seja uma realidade de todos nós educadores.

Diante de vários desafios pós-pandemia, algo que veio pra ficar foram a tecnologia e a necessidade de mudança no perfil profissional do educador. Sem dúvida, diversos processos e ferramentas foram criados e novas possibilidades surgiram, por isso acho de grande valia tratarmos sobre estas duas temáticas.

Tivemos que fazer uma ressocialização dos alunos e professores, reorganizar e replanejar os conteúdos, traçando novas estratégias para alcançarmos os resultados. E conseguimos. Tudo baseado nas dificuldades e na realidade dos professores e dos alunos, envolvendo em todos os aspectos, também, as situações de inclusão.”

ESCUTA



## Práticas pedagógicas e questões socioemocionais, as mais citadas em pesquisa

**Centenas de parceiros da FTD Educação elegeram esses assuntos que despertam o interesse de docentes, coordenadores pedagógicos e gestores**

**S**e fosse possível estabelecer um canal direto com profissionais que atuam no universo educacional no Brasil, quais seriam os temas apontados como mais urgentes, quais dúvidas e que tipo de informações gostariam de receber?

Essa foi a missão assumida pela equipe educacional da FTD Educação, em ação realizada entre os dias 31 de outubro e 7 de novembro de 2022.

Nesse período, parceiros espalhados por todo o país foram ouvidos com o objetivo de fornecer informações relevantes para a construção de um evento formativo no calendário anual da empresa: a Jornada Pedagógica 2023.

Chamada de pesquisa pré-evento formativo, a ação buscava saber dos entrevistados suas preferências para a definição de datas, formatos e temas. A ideia tem fundamentação no que escreve, por

exemplo, o pensador da educação atual Antônio Sampaio da Nóvoa, que afirma que as propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, a partir de uma reflexão dos educadores sobre o seu próprio trabalho. Enquanto forem injunções do exterior, serão bem pobres as mudanças.

“Essa é uma chave conceitual para esse processo de formação permanente executada por meio de parcerias externas, pois o reconhecimento do cotidiano, das trajetórias, dos desafios e agruras vividos pelos docentes é um dos principais caminhos para conseguir ampliar e aprofundar as reflexões formativas”, ressalta a gerente Educacional da FTD Educação, Elaine Castello.

## PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para obter os resultados, a pesquisa pré-evento chegou a profissionais de instituições parceiras em todo o país.

E essa não é uma expressão textual: a ferramenta de escuta acessou todas as regiões do território nacional, sendo Norte (9,6%), Nordeste (24,8%), Centro-Oeste (11,3%), Sudeste (32,5%) e Sul (21,8%).

No perfil de funções desempenhadas nas unidades educacionais, o estudo compreendeu, majoritariamente, docentes, coordenadores pedagógicos e diretores. Após a semana de intensos contatos estabelecidos, um total de 335 pessoas responderam aos questionamentos.

## OUVIR AS PESSOAS ENVOLVIDAS

Aos participantes da escuta foram solicitados que apontassem até três assuntos que consideravam relevantes para serem abordados na Jornada Pedagógica 2023. “Nós queríamos saber o que deve ser pauta num planejamento de início de ano letivo, para que fossem abordados em um evento de formação”, complementa Castello.

Ouvir aqueles que lidam diretamente com as demandas do ensino-aprendizagem tem sido uma abordagem constante quando se discute a recente readaptação às atividades nas escolas brasileiras.

No entanto, como ressaltou o diretor de educação da Zoom, Emilio Munaro, em entrevista nesta edição, “parece que se esqueceram da

pandemia, os portões se abriram e, imediatamente, começaram as aulas, jogando conteúdos e muita pressão por resultados”.

A importância do estabelecimento de uma via de comunicação com a docência também foi ressaltada pela diretora de conteúdo da Bett Brasil, Adriana Martinelli. “Gestores que escutam os professores tendem a ter uma instituição mais aberta e com características mais colaborativas em suas ações”, diz.

## OS ASSUNTOS MAIS PEDIDOS

Com 89,55% das respostas na pesquisa, o tema das práticas pedagógicas – e suas subdivisões – foi o mais solicitado. Nesse universo, o aspecto mais citado pelos participantes foi o dos métodos a serem aplicados em sala de aula, na prática.

Ainda compõem esse grupo temático aspectos como inovação, formação docente, atividades lúdicas, dinâmicas e gamificação.

Nos depoimentos, foram registradas expressões que mostram quais as prioridades desse conceito para a aplicação em sala de aula, frases do tipo: “Como trabalhar conteúdo”; “Quais práticas facilitam a jornada do professor”; “Como aprimorar conhecimentos na teoria, sem fugir da prática”.

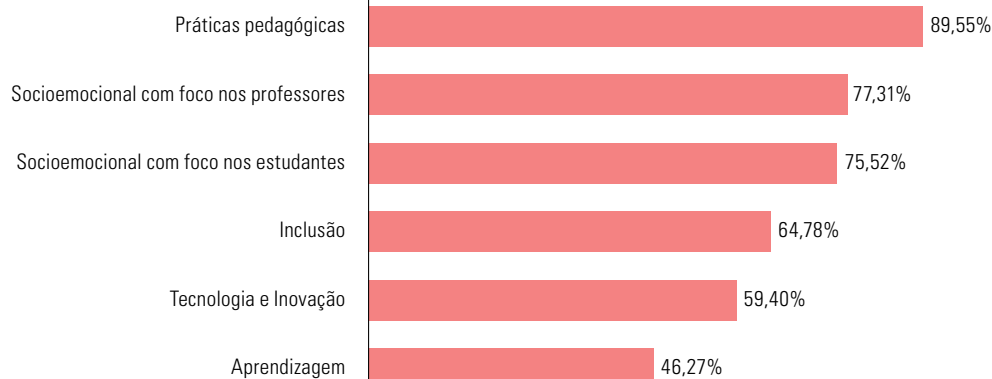
Na segunda posição estão temas ligados às questões socioemocionais. Nesse contexto, há uma divisão bem clara em dois grandes grupos do mesmo segmento: um para as demandas dos professores e outro para as dos estudantes.

Nesse quesito foi possível observar, prioritariamente, a questão da saúde emocional, seguida por tópicos como motivação, apoio, competências socioemocionais e autoconhecimento, para docentes; e inteligência emocional, relações interpessoais, família e trabalho em grupo, para os alunos.

Nas frases coletadas, apareceram verdadeiros apelos diante de situações delicadas que estão sendo vivenciadas no pós-pandemia. Por exemplo: “Queremos orientações sobre como lidar com os problemas emocionais em sala de aula”; “Quando solicitar auxílio de um profissional de saúde?”; “Quais são as abordagens práticas para a promoção da saúde mental dos estudantes?”

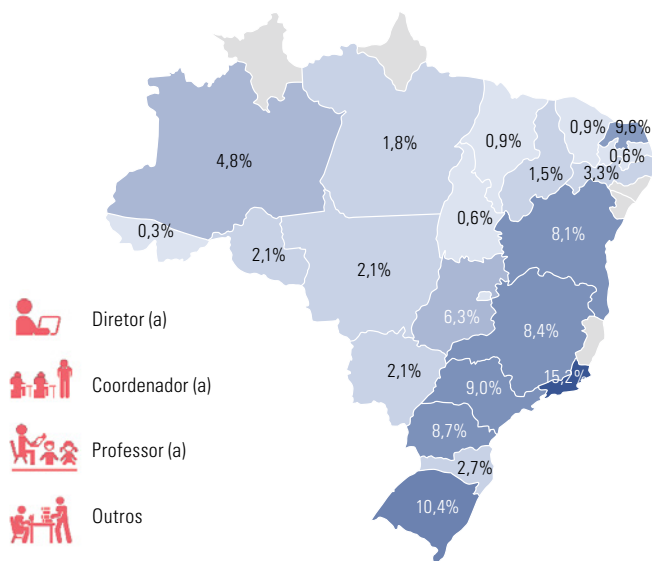


### Temas mais pertinentes ao evento



Fonte: pesquisa pré-evento FTD Educação

### Localização e perfil dos participantes



Fonte: pesquisa pré-evento FTD Educação

### INCLUSÃO E TECNOLOGIA

A temática da inclusão também teve participação considerável entre as respostas enviadas. Os métodos para trabalhar essa medida na prática estão entre as principais necessidades desses profissionais, com 57,4% das manifestações.

Dentre as solicitações também estão a adequação tanto de currículo quanto de estrutura escolar, capacitação docente e integração entre os alunos.

Durante a escuta, foram colhidos pedidos da seguinte natureza: “Como incluir de forma verdadeira?”; “Como oferecer atividades para estudantes com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e transtorno do espectro autista (TEA)?”; “O currículo pode ser uma barreira para a inclusão?”.

No âmbito da tecnologia e inovação, o maior interesse está nas novidades e nas metodologias mais modernas, com 28,3%. Também foram citados aspectos como ensino híbrido, metaverso, robótica e cultura maker. No material recebido, estão pedidos como: “Novas tendências da cultura digital”; “Ferramentas que facilitem nosso trabalho”; “Estratégias e instruções para utilização de aplicativos de cunho pedagógico”.

Após a escuta dos parceiros com a pré-pesquisa, a Jornada Pedagógica 2023 da FTD Educação foi definida para o dia 26 de janeiro, no período da manhã, com o tema central Protagonismo docente: cuidando de si para promover relações socioemocionais de qualidade no ambiente escolar. 🌐

# ionica

## sou a aprendizagem levada além.

Sou o ambiente digital de aprendizagem da **FTD Educação**.

Comigo, gestores, professores e estudantes se conectam em um espaço sempre atualizado, integrado, seguro e perfeito para criar, compartilhar, interagir e levar a Educação além.



Minha biblioteca oferece mais de 14 mil livros digitais, além disso, tenho mais de 32 mil recursos virtuais.



Tenho um banco com mais de 68 mil questões para todos os níveis de ensino.



Possuo integração com as melhores ferramentas para transmissões de aulas virtuais, quando e onde você quiser.



Para facilitar o acesso, professores e alunos podem organizar os seus conjuntos de livros favoritos.



Na agenda, professores e alunos organizam suas tarefas, conferem horários e acompanham os status das entregas em tempo real.



Os meus conteúdos digitais podem ser avaliados por todos os usuários, possibilitando um canal direto de feedback.



Ofereço relatórios estruturados por habilidade e atividade, que permitem o acompanhamento do desempenho dos estudantes.



O mural é o local de interação entre alunos e professores. Nele, é possível publicar avisos, tirar dúvidas e acompanhar o desenvolvimento das turmas.



Escaneie o QR Code ao lado e assista ao vídeo ou acesse o site [souionica.com.br](http://souionica.com.br)

Licença anual de uso. Consultar disponibilidade do projeto na sua região.

**FTD**  
educação



# Projetos de vida



A CADA FASE DA VIDA, PROJETOS QUE  
INSPIRAM UMA TRILHA DE PROTAGONISMO.



CONHEÇA A

**METODOLOGIA OPEE!**

Leo Fraiman,  
criador da  
Metodologia  
OPEE



**PIONEIRA** NA EDUCAÇÃO

de competências socioemocionais,  
há mais de **20 ANOS**  
inspirando estudantes a voar  
com seu projeto de vida.



A única metodologia  
de transformação social  
apresentada como  
case de sucesso em  
Genebra na sede da

**ONU.**



**+ de 1 milhão\***

de estudantes já foram  
impactados em todo o Brasil.

\*Fonte: Dados OPEE 2001 a 2022.



Quer saber mais?  
Entre em contato com a nossa  
**Central de Relacionamento**

**0800 772 2300**

**sac.servicoseducacionais@ftd.com.br**

**OPEE**  
projeto de vida

**FTD**  
educação